

## Mais do que professores/as, professores/as homossexuais na escola

*Filipe Gabriel Ribeiro França\**

*Anderson Ferrari\*\**

### **Resumo**

Neste texto, trago narrativas produzidas durante a minha pesquisa de mestrado a partir dos meus encontros com sete professores/as que se auto identificaram como homossexuais. Utilizei como referencial teórico-metodológico a perspectiva pós-estruturalista. A partir dessa perspectiva pude problematizar as formas pelas quais os/as professores/as vão se constituindo enquanto docentes homossexuais e discutir como esses/as professores/as vão se produzindo nas relações de poder, nas relações com o outro e, sobretudo, como se relacionam com os sujeitos e com instituição escolar.

**Palavras-chave:** Docências, Homossexualidades, Escola.

\* Mestre e Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor de Educação Física da rede estadual de ensino de Minas Gerais. E-mail: [filipe.gfranca@yahoo.com.br](mailto:filipe.gfranca@yahoo.com.br)

\*\* Pós-Doutor em Cultura Visual e Educação pela Universidade de Barcelona. Doutor em Educação. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: [aferrari13@globo.com](mailto:aferrari13@globo.com)

## More than teachers, homosexuals teachers in school

### *Abstract*

In this paper, I bring narratives produced during my master's research from my encounters with seven teachers who self identified as homosexual. I used as theoretical and methodological framework poststructuralist perspective. From this perspective could discuss the ways in which the teachers constitute themselves as homosexual teachers and discuss how these teachers will be producing power relations, in relations with each other and especially how they relate to the subjects and school institution.

**Keywords:** Teaching, Homosexualities, School.

## Más que maestros, maestros homosexuales en la escuela

### *Resumen*

En este texto, traigo narrativas producidas durante la investigación de mi amo de mis encuentros con siete maestros que se identificaron como homosexuales. He utilizado como marco perspectiva postestructuralista teórico y metodológico. Desde esta perspectiva pude discutir las maneras en que los maestros se constituyen como maestros homosexuales y discutir cómo estos maestros estarán produciendo relaciones de poder, en las relaciones con los demás y, sobre todo, cómo se relacionan con los temas y la institución educativa .

**Palabras clave:** Docencias, Homosexualidades, Escuela.

## Introdução

Geralmente, muitos de nós professores e professoras, nos sentimos incomodados quando somos colocados diante de pensamentos que giram em torno de incertezas, fluidez e provisoriedade, questões tão presentes na contemporaneidade. Ainda somos seduzidos pela segurança das metas claras e das direções corretas. Porém, não podemos negar que a transitoriedade e a instabilidade são características dos dias atuais (LOURO, 2008a). Corpos são produzidos, modificados, identidades são construídas, desconstruídas e viver no trânsito, nas fronteiras e extrapolá-las é uma realidade cada vez mais explícita aos nossos olhos.

Diante disso, as mídias, por exemplo, por meio de filmes, novelas, revistas, etc., têm debatido as identidades sexuais, dando destaque às identidades consideradas “excêntricas”, como algumas homossexualidades, em geral as mais “caricatas”, mais “estereotipadas” ou as que remetem a algum tipo de “conflito” (sair ou não do “armário”), tendo a heterossexualidade enquanto padrão de normalidade e naturalidade. Frente a essa situação, vejo a importância de se colocar em discussão as representações associadas ao sujeito homossexual nas diferentes instituições, principalmente a escola. Louro (2008b, p. 57) lembra que:

Desprezar o sujeito homossexual era (e ainda é), em nossa sociedade, algo “comum”, “compreensível”, “corriqueiro”. Daí porque vale a pena colocar essa questão em primeiro plano. Parece-me absolutamente relevante refletir sobre as formas de viver a sexualidade, sobre as muitas formas de ser e de experimentar prazeres e desejo; parece relevante também refletir sobre possíveis formas de intervir, a fim de perturbar ou alterar, de algum modo, um estado de coisas que considero “intolerável”.

A escola participa desses processos. Nela transitam diariamente diferentes sujeitos, crenças e estilos de vida. As homossexualidades e demais identidades sexuais também constituem esse lugar. E quando professores/as homossexuais estão presentes na escola? Que corpos são esses? Quais as implicações de ser professor ou professora com identidade sexual diferente da heterossexual

na escola? Como é a relação com a comunidade escolar (pais, alunos, direção, funcionários)? Como essas identidades (identidade docente e identidade sexual) se relacionam na visão dos/das professores/as?

Esses questionamentos se fazem presentes, na tentativa de problematizar as vivências desses/as professores/as em suas escolas, a partir da associação feita pelos/as próprios/as professores/as entre as suas identidades sexuais e docentes.

### **“Dá para conciliar as duas identidades”: Docências e identidades sexuais**

Interessa-me pensar nas identidades sexuais associadas à docência, compreendendo-as como construções culturais, sociais e históricas, que inscrevem múltiplas possibilidades de expressar os desejos e prazeres corporais (LOURO, 2010). Embora o destaque seja atribuído às identidades sexuais, considero que os sujeitos também sejam constituídos por outras identidades, como raça, etnia, gênero, religião, nacionalidade, classe, entre outras. Somos muitas coisas ao mesmo tempo e também somos professores/as. Sendo assim, como se dá o encontro entre a docência e a homossexualidade? Os/as professores/as Joca Ramiro, Compadre Quelemém e Otacília<sup>1</sup> nos ajudam a pensar nesta questão a partir de suas narrativas:

Você acha que a identidade homossexual interfere na identidade de professor?

*Acho que sim. Interfere em toda a vida da gente. O que me levou a fazer História, por exemplo, foi querer mudar o mundo e naquele momento querer mudar o mundo não era levantar bandeira gay, era querer um mundo melhor, e a gente não deixa de querer. Hoje para mim aquele mundo melhor passa pelo respeito à homossexualidade, respeito a mim primeiro como pessoa, com as minhas características, com o meu jeito de ser. Acho que é tudo uma coisa só, não tem como dissociar uma coisa da outra (Professor Joca Ramiro, entrevista realizada no dia 24/04/2013).*

Ser homossexual na visão do professor Joca Ramiro não interfere apenas na sua carreira docente, mas “interfere em toda a vida da gente”, em nossos modos de sermos, de nos relacionarmos e de “querer mudar o mundo”. Essa

relação também produz um movimento de compreensão de si mesmo na busca da construção de um mundo melhor, ao mesmo tempo em que reconhece a existência de um Joca Ramiro do passado e outro transformado no presente, com posições de sujeito distintas: *“Hoje para mim aquele mundo melhor passa pelo respeito à homossexualidade, respeito a mim primeiro como pessoa, com as minhas características, com o meu jeito de ser”*. Essa constituição identitária do professor coloca em questão que “não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, do outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha” (BRITZMAN, 1996, p. 74). Em vez disso, as identidades se mostram em um contínuo processo de produção, mesclando-se e fundindo-se, propiciando que o professor reflita e chegue a afirmar que não tem *“como dissociar uma coisa da outra”*, referindo-se à sua identidade docente e de sujeito homossexual. Assim, o professor Joca Ramiro nos proporciona pensar que toda identidade “é um construto instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada” (BRITZMAN, 1996, p. 74).

Possuímos múltiplas identidades, que não são fixas ou permanentes, estão continuamente se metamorfoseando. Hall (2009, p. 106) destaca que a identidade “não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, “ganhá-la” ou “perdê-la”; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada”. Assim, somos constituídos por muitas identidades e posicionados a partir de diferentes discursos e situações que circulam nos espaços sociais. Louro (2010, p. 12) enfatiza que:

Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes e até contraditórias. Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes.

Trânsitos e contingências. Palavras que nos remetem a argumentar a favor de uma noção mais complexa e mais historicamente fundamentada de produção de identidades, uma noção que veja as identidades como fluidas, parciais, contraditórias e plurais, envolvendo elementos sociais (BRITZMAN, 1996). No caso dos/das professores/as homossexuais, a construção de suas identidades também perpassam os espaços além dos muros da escola. Nesses espaços os encontros entre professores/as e estudantes acontecem e se fazem presentes em seus cotidianos, como conta abaixo o professor Compadre Quelemém:

*Dá para conciliar as duas identidades, assim como eu sou professor e gosto de samba. Ainda existe uma minoria que fala “nossa professor te vi chapadão ontem!” e eu respondo que sim, que sou professor e tenho minhas escolhas e minhas vontades. Hoje em dia a gente tem uma abertura muito maior do que há uns 15 anos atrás. Eu acho que essa barreira tá diminuindo e dá pra trabalhar o pessoal com o profissional sim (Professor Compadre Quelemém, entrevista realizada no dia 02/05/2013).*

Tal como o professor Joca Ramiro, o professor Compadre Quelemém também compartilha da ideia de que as identidades docente e sexual caminham juntas: *“Dá para conciliar as duas identidades, assim como eu sou professor e gosto de samba”*. Ele aproveita a oportunidade e ainda faz uma analogia com o fato de ser professor e gostar de samba, mostrando que a “identidade é constituída de mais coisas do que aparenta” (BRITZMAN, 1996, p. 72-73), ela diz também das vivências, gostos e desejos dos sujeitos. Além disso, “os indivíduos não vivem suas identidades como hierarquias, como estereótipos ou a prestações” (BRITZMAN, 1996, p. 73). A formação das identidades passa por combinações de relações sociais, que se encontram imersas nas relações de poder. E essas relações estão sujeitas a mudanças com o passar do tempo. Nesse sentido, o professor Compadre Quelemém expressa um saber que organiza o conhecimento que ele tem acerca de suas identidades, que proporciona a comparação entre homossexualidade e docência no passado e na atualidade, expondo um atravessamento de geração: *“Hoje em*

dia a gente tem uma abertura muito maior do que há uns 15 anos atrás”. Penso que essa maior “abertura” em ser professor homossexual na escola hoje em dia, esteja ligada às condições de emergência dos discursos sobre as sexualidades em nossa sociedade, sobretudo, em tempos nos quais os grupos gays, militantes, pesquisadores/as e as instituições acadêmicas dão visibilidade a essas discussões e as tornam mais presentes em nosso cotidiano.

Por fim, a professora Otacília destaca os conflitos presentes na ação de assumir-se ou não homossexual dentro da instituição escolar:

*Eu acho que a minha identidade de professora é homossexual. Tem essas questões de conflito de espaço. O espaço em que você pode dizer que é, que se assume ou não assume. É muito complicado, mas eu não vejo isso separado. Essas identidades não se relacionam, elas são juntas, não tem como separar, não tem como descolar isso. Tudo o que eu passei no despertar da minha sexualidade eu envolvo na minha prática. As reflexões que o meu corpo me trouxe disso eu uso na minha prática docente (Professora Otacília, entrevista realizada no dia 03/07/2013).*

Ao afirmar que a sua “*identidade de professora é homossexual*” a professora Otacília já constrói uma reflexão acerca da união das identidades. Essa união produz uma única pessoa, uma vez que “*essas identidades não se relacionam, elas são juntas, não tem como separar, não tem como descolar isso*”. No entanto, ela destaca o tensionamento causado pelo fato de assumir-se ou não enquanto professora homossexual em determinados lugares, apontando que nem todos os espaços são receptivos ao sujeito homossexual, uma vez que a hostilidade à multiplicidade sexual ainda se mostra presente em diferentes segmentos da sociedade, dentre eles o ambiente escolar. Para a professora Otacília “*tem essas questões de conflito de espaço. O espaço em que você pode dizer que é, que se assume ou não assume*”, remetendo a uma ideia de identidade que “*ainda permanece, com muita frequência, presa à visão equivocada de que as identidades são dadas ou recebidas e não negociadas – social, política e historicamente*” (BRITZMAN, 1996, p. 73). Assim, a pro-

fessora se vê em uma posição de cuidado consigo mesma, que a conduz a diferentes processos de negociação do ato de assumir-se homossexual de acordo com o espaço em que irá lecionar.

É importante lembrar que as identidades são construídas por meio da marcação das diferenças, estabelecidas pelas relações de poder. Silva (2009) menciona que a diferença é constituída culturalmente e historicamente nas sociedades por processos discursivos e linguísticos. Portanto, a significação das diferenças é variável, modificando-se de acordo com a cultura de cada sociedade. Louro (2010, p. 12) destaca que as sociedades “*constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais) e aqueles que ficam de fora dela, às suas margens*”. Sabemos que em nossa sociedade a norma é representada pelo homem branco, de classe média, heterossexual e cristão. Aos que escapam desta padronização resta serem nomeados/as como “*diferentes*”. Deste modo, “*a nomeação da diferença é, ao mesmo tempo e sempre, a demarcação de uma fronteira*” (Louro, 2008c, p. 46).

### **“Ah professora, a senhora tá enalhada! Cadê o seu namorado que nunca aparece?”: Sujeitos, sexualidades e verdades**

A diferença se constitui e se afirma sempre em meio a relações. Ela deixa de ser entendida como um dado e passa a ser visualizada como uma constatação que é feita a partir de um determinado lugar. Assim, quem é considerado o diferente torna-se imprescindível para a “*definição e para a contínua afirmação da identidade central, já que serve para indicar o que esta identidade não é ou não pode ser*” (LOURO, 2008c, p. 48). Por isso a identidade do outro desperta tanto interesse. Ao desvendar o outro, passamos a saber o que ele faz, o que gosta e o que sente. Nesse processo compreendemos quem ele é e a partir daí atribuímos um lugar a ele e a nós mesmos. E na escola isso não é diferente. Questionamentos sobre as sexualidades dos sujeitos veem a tona e provocam discussões. O professor Compadre Quelemém narra uma dessas situações:

*Tinha um grupo de alunas que questionavam a sexualidade de um professor, apesar dele nunca ter declarado a sua homossexualidade. Um dia elas começaram a debochar dele, ele não estava, elas falavam alto para outros alunos ouvirem e aí eu fui questionar dizendo que aquilo não era legal, que elas deveriam respeitá-lo, que ele estava ali para trabalhar e elas não deixavam ele trabalhar. E elas falavam “ah, pois ele é uma maricona!”. Aí eu falei “ele está aqui como professor de vocês, ele não está aqui como seu amigo, seu colega, ele está aqui para trabalhar e lecionar o conteúdo dele. Agora o que ele faz do portão da escola pra fora você não tem nada a ver, você não tem nada a ver com isso, eu não tenho nada a ver com isso, a diretora não tem nada a ver com isso, ninguém tem nada a ver com isso”. E elas retrucaram “ah, mas você é também?”. Aí já mexeu comigo e não respondi nem que sim e nem que não. Respondi que da mesma forma que elas não tinham a ver com a vida dele, isso era uma particularidade dele, elas também não tinham nada a ver com a minha também. Eu me recusei a responder e disse “eu não vou responder a essa pergunta, vocês vão ficar nessa dúvida”. E a partir daí não me questionaram de novo, continuamos conversando, tentei conversar sobre essa questão com uma delas e não tive sucesso. Esse foi o único questionamento. A única abordagem que eu sofri foi essa. Despertou ainda mais a minha vontade de trabalhar com isso e um colega professor em vários momentos falou em trabalhar isso e eu manifestei o meu apoio, mas eu não sei como vai ser (Professor Compadre Quelemém, entrevista realizada no dia 02/05/2013).*

O fato de existir “um grupo de alunas que questionavam a sexualidade de um professor, apesar dele nunca ter declarado a sua homossexualidade” expõe que a escola é um dos espaços mais difíceis para que alguém assuma qualquer identidade sexual diferente da heterossexualidade. Afirmar que o professor “é uma maricona”, parece autorizar os/as estudantes a desrespeitá-lo por meio da produção de um discurso que organiza e redistribui saberes sobre a homossexualidade, criando um ambiente hostil para esse sujeito, atribuindo-lhe o lugar da abjeção. Neste sentido, “o lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância” (LOURO, 2010, p. 30).

Em sua intervenção diante da situação, o professor compadre Quelemém assume a defesa do colega professor e essa ação desencadeia o questionamento da sua sexualidade: “mas você é também?”. Vemos desenhar-se, a partir do questionamento da sexualidade do professor, um discurso pautado pela vontade de verdade e vontade de saber (FOUCAULT, 2012). Diante da indagação das estudantes ele utiliza os mesmos argumentos que lançou mão ao defender o colega professor e deixa-as sem resposta: “eu não vou responder a essa pergunta, vocês vão ficar nessa dúvida”. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola acaba negando e ignorando a homossexualidade (LOURO, 2010). Apesar de não ter aproveitado o fato ocorrido para problematizar acerca das múltiplas possibilidades de vivência das sexualidades, o professor Compadre Quelemém se mostra atravessado por essa experiência, tocado de tal forma que sente aumentada a vontade de abordar essa temática. Porém, o receio de ter a sua sexualidade questionada novamente, gera dúvidas e o leva ao exercício de pensamento sobre o ato de falar ou não falar sobre a sua homossexualidade com os/as estudantes, compartilhando um pouco das inquietudes de ser professor homossexual na escola:

*Eu acho que a gente tem esse receio de ser questionado, de sofrer. Igual aconteceu comigo. O que eu falo? Falo ou não falo? Acho que a gente às vezes pensa em como seria a reação de um aluno ao descobrir que eu sou homossexual. Eu não fico pensando nisso a todo momento, mas, de vez em quando, eu penso nisso. Então nesse momento em que eu fui abordado eu pensei “e agora, o que eu respondo?”. Fica aquela incógnita, eu falo que sim, eu defendo a causa ou eu falo que não? Eu não sei se é só comigo ou se a maioria das pessoas fica com o pé atrás de como lidar com essa situação. Eu fico receoso sim, eu confesso que fico receoso e não sei como lidar porque tem essa questão do professor ter o domínio sobre aquela turma, sobre aquele aluno. Então a partir do momento que ele sabe o seu ponto fraco aquilo te faz começar a passar por uma tensão. Por nunca ter passado por alguma situação de preconceito,*

*às vezes, eu fico com medo de passar. É algo que eu tenho que trabalhar porque eu não sei como vai ser... (Professor Compadre Quelemém, entrevista realizada no dia 02/05/2013).*

Falar ou não falar? Dúvida constante que inquieta o professor Compadre Quelemém, o acompanha e vem à tona quando ele se vê diante de sua prática pedagógica e dos questionamentos dos/das estudantes. Britzman (1996, p. 83) lembra que sair do armário ou permanecer dentro dele é sempre uma decisão momentânea e não-finalizada, ou seja, aberta a negociações consigo mesmo e com o outro, uma vez que “o pressuposto universal da heterossexualidade não exige que os heterossexuais pensem sobre o seu eu e sobre a sua relação com os outros nesses termos”. Assim, ser professor homossexual provoca algumas preocupações específicas: *“Acho que a gente às vezes pensa em como seria a reação de um aluno ao descobrir que eu sou homossexual”*. Imaginar a reação de um/a estudante ao saber sobre a sua sexualidade, acaba instituindo a forma com que o professor Compadre Quelemém se apresenta à escola e se apresenta a si mesmo dentro desta instituição. Provavelmente um/a professor/a heterossexual não vivencia esse tipo de situação, já que a heterossexualidade é hegemonicamente consolidada como a sexualidade “natural”, universal e normal. Consequentemente, todas as outras possibilidades de vivência da sexualidade “são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais” (LOURO, 2010, p. 17), o que provoca um investimento contínuo de vigilância aos possíveis escapes, *“igual aconteceu comigo de ser questionado”*, como destaca o professor.

Gradativamente, vai se tornando visível e perceptível a afirmação das identidades historicamente subjugadas em nossa sociedade. Essa percepção também chega ao professor quando ele para e se coloca a pensar nos momentos em que o tensionamento sobre a sua sexualidade aparece na escola: *“Confesso que fico receoso e não sei como lidar porque tem essa questão do professor ter o domínio sobre aquela turma, sobre aquele aluno. Então a partir do momento que ele sabe o seu ponto fraco aquilo te faz começar a passar por uma tensão”*. Afirmar que a homossexualidade é um “ponto fraco” diz dos conhecimentos

produzidos ao longo dos tempos acerca dela, conhecimentos que são fruto de um complexo “poder-saber”, produtor de hierarquias, subalternidades e “posições de sujeito” (WEEKS, 2010).

Mesmo prevendo e temendo os inúmeros desafios advindos do ato de revelar-se homossexual, o professor Compadre Quelemém levanta a hipótese de declarar a sua homossexualidade como uma ação possível de ser realizada na escola, porém, ainda faz algumas considerações: *“Fica aquela incógnita, eu falo que sim, eu defendo a causa ou eu falo que não? Eu não sei se é só comigo ou se a maioria das pessoas ficam com o pé atrás de como lidar com essa situação”*. Para aqueles e aquelas que se reconhecem nesse lugar, de vivenciar uma sexualidade diferente da heterossexualidade, “assumir” que se é homossexual pode ser um ato político, uma defesa da multiplicidade sexual, e, nas atuais condições, um ato que ainda pode cobrar o alto preço da estigmatização (LOURO, 2010). Daí a existência da apreensão por parte do professor Compadre Quelemém em se relacionar com essa situação dentro da escola.

O desconforto em lidar com a sua própria sexualidade dentro da escola é algo compartilhado também por outros/as professores/as. A professora Otacília narra uma situação ocorrida com um estudante que a deixou “desconcertada”:

*Não sei se foi uma coincidência ou se o menino viu alguma coisa. Ele me chamou de “sapatão”, ele falou: “oh professora sapatão!”. Aí eu fiquei meio desconcertada porque eu era né? Mas como que o menino sabia? Eu perguntei pra ele “você sabe o que é isso?” e ele respondeu “sei, é mulher que fica com mulher!”. Na hora eu tentei tirar uma carta da manga e perguntei pra ele “você come cenoura?” e ele respondeu que sim e eu continuei: “você é coelho só porque você come cenoura?”. Ele disse que não e eu falei “então porque você tem que chamar os outros de sapatão?”. Olha só! Por que eu fiz isso? Pensa bem! Eu tentei mudar e reverter aquilo. Eu não sabia se ele já tinha me visto com alguém. Eu acho que não, eu acho que foi uma infeliz coincidência. Foi uma situação que me tocou e que tem a ver com a minha vida. Ele falou uma coisa que*

*tem a ver com a minha vida e que me acertou. Na verdade eu acho que naquele momento só eu sabia. As minhas alunas me cobram muito e brincam com a questão de namorado: “ah professora, a senhora tá enalhada! Cadê o seu namorado que nunca aparece?”. Elas brincam com isso, mas nunca colocaram que eu pudesse namorar mulher. Eu nunca falei da minha sexualidade com os alunos. Às vezes a minha namorada vai nas apresentações na escola, mas vai como amiga. Mas mesmo se fosse um cara eu não ia agarrar e beijar na escola. Eu não faço questão de colocá-la em outra posição, ela vai como se fosse uma outra pessoa qualquer. Aconteceu de sem querer eu comentar com uma aluna que eu já tive relação com mulher, mas foi bem pontual e depois eu tentei reverter a situação (Professora Otacília, entrevista realizada no dia 03/07/2013).*

As cobranças pelo exercício de um padrão de gênero e sexualidade são constantes no dia a dia da professora Otacília em sua escola: *“As minhas alunas me cobram muito e brincam com a questão de namorado: “ah professora, a senhora tá enalhada! Cadê o seu namorado que nunca aparece?”. Elas brincam com isso, mas nunca colocaram que eu pudesse namorar mulher”*. As estudantes possuem informações sobre a heterossexualidade que produzem uma representação idealizada desta sexualidade, em que o esperado e desejado para a professora Otacília enquanto mulher é que ela tenha um namorado. Possivelmente estas estudantes nem cogitam a hipótese da professora namorar outra pessoa do mesmo gênero, uma vez que *“a heterossexualidade é construída como se fosse sinônimo da moralidade dominante do policiamento de gênero, da impossível mitologia cultural do romance e dos finais felizes”* (BRITZMAN, 1996, p. 88). Esse policiamento sobre a professora Otacília não é algo que apenas vem de fora, também é um policiamento de si para consigo mesma: *“Aconteceu de sem querer eu comentar com uma aluna que eu já tive relação com mulher, mas foi bem pontual e depois eu tentei reverter a situação”*. Tentar contornar a declaração de já ter tido envolvimento afetivo com outra mulher coloca a professora em um lugar de preservação de si frente a possíveis violências homofóbicas que possam emergir contra ela na escola em que leciona. Todos esses cuidados operam fortemente a favor do controle da sexualidade da professora, em que uma

forma de sexualidade é naturalizada e generalizada, funcionando como referência a ser seguida por todos os sujeitos. Assim, a heterossexualidade acaba sendo concebida como a sexualidade “natural”, universal a todos/as e “normal” (LOURO, 2010). Conseqüentemente, as outras manifestações da sexualidade “são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais. É curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação, tida como inata e natural, é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento” (LOURO, 2010, p. 17).

No entanto, quando os sujeitos escapam da vigilância e de todo o investimento em manter a heterossexualidade, eles e elas ficam expostos a agressões produzidas cotidianamente pela linguagem. Nomear ou estabelecer apelidos aos sujeitos homossexuais ainda é algo comum e corriqueiro de ser presenciado cotidianamente e com a professora Otacília isso não é diferente. Ela vivencia essa situação na escola: *“Ele me chamou de “sapatão”, ele falou: “oh professora sapatão!”. Ai eu fiquei meio desconcertada porque eu era né? Mas como que o menino sabia?”.* Dentre os muitos espaços e instâncias em que podemos observar o estabelecimento das desigualdades e das distinções, a linguagem é, provavelmente, o campo mais eficaz e persistente. Tal acontecimento se dá porque a linguagem atravessa e faz parte da maioria de nossas práticas, apresentando-se, quase sempre, como algo pronto e “natural”. Desse modo, *“a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui”* (LOURO, 2008a, p. 65). Ao nomear alguém como “sapatão”, a linguagem “não apenas veicula, mas produz e pretende fixar as diferenças” (idem) e deixar claro o lugar ocupado pelo outro na sociedade.

A partir dessas nomeações, podemos dizer que as pessoas também “aprendem sobre sexualidade ouvindo injúrias com relação a si próprias ou com relação aos outros” (MISKOLCI, 2012, p. 33). Dentro do ambiente escolar, quer você seja a pessoa atacada, xingada ou humilhada, como a professora Otacília, ou sendo você a pessoa que presencia alguém sendo agredido/a dessa maneira, são nessas situações que também ocorrem descobertas e produção de saberes sobre a sexualidade. Saberes que

provocam exercícios de pensamento sobre a sua própria sexualidade e sobre a sexualidade do outro.

Tal como a professora Otacília, os professores Compadre Quelemém e Hermógenes também tiveram as suas sexualidades questionadas na escola pelos/as estudantes. A seguir eles narram essas situações:

*Eu cheguei na sala, botei as minhas coisas na mesa, aí dois meninos que estavam sentados nas primeiras carteiras falam assim: “essa Coca é Fanta!”. Aí eu questionei: “o quê?” e eles responderam: “nada não fessor!”. Aí o material que eu tinha em mãos eu já joguei em cima da mesa, né? Aí eu falei com eles: “pode falar!” e eles continuaram se negando a falar. E aí veio um colega de turma desses meninos e falou: “eu sei!” e eu disse: “pode falar!” e ele também se negou a falar. Nisso eu parei tudo e falei que não ia começar a aula enquanto os três meninos não explicassem o que estava acontecendo e eles continuaram se negando a falar. Aí eu falei que sabia o que eles tinham dito e propus um acordo: “a partir de hoje todas as dúvidas que vocês tiverem, vocês me falam para que eu possa esclarecer essas dúvidas de vocês. As vezes pode ser um assunto que vocês não queiram falar com o pai, com a mãe ou com alguém em casa. A gente pode reservar uma aula para conversar. A gente não pode fazer isso em toda aula, toda semana, mas uma vez ou outra tudo bem. Tudo que eu puder esclarecer pra vocês beleza. Com relação a drogas, com relação a sexo. Por exemplo, um menino gostar de outro menino ou uma menina gostar de outra menina”. Nisso levanta uma menina e fala: “eu não vejo problema nenhum em menino gostar de outro menino, o que que tem? Ninguém tem nada a ver com isso!”. Aí os meninos começaram a rir. Eu falei com eles: “eu não tenho nada a ver com a vida de vocês, vocês não tem nada a ver com a minha vida e ponto final. Qualquer dúvida que vocês tiverem eu estou aqui para esclarecer para vocês. Então tá resolvido? Sem problemas?”. Eu fiquei muito constrangido! O que eu ia falar? Na hora eu fiquei puto. Eu fiquei insistindo para que eles repetissem o que tinham falado para eu ganhar tempo e arrumar uma saída (Professor Compadre Quelemém, entrevista realizada no dia 02/05/2013).*

*Uma vez eu tinha um aluno pequeno e chegou uma outra aluna e falou assim: “oh, professor, o*

*fulano falou que o senhor é viado”. E eu fui e chamei aquele toquinho de gente e perguntei porque que ele estava falando isso e ele respondeu: “foi minha mãe que falou”. Então é tudo reprodução (Professor Hermógenes, entrevista realizada no dia 03/06/2013).*

Escutar o comentário “*essa Coca é Fanta!*” vindo dos/das estudantes produz um movimento de desassossego no professor Compadre Quelemém. A partir da nomeação recebida ele busca uma estratégia para solucionar e escapar daquela situação. Ele se vê imerso em uma relação de poder que é da escola, da sala de aula, em que a homossexualidade torna-se o destaque desse confronto. Negociar com os/as estudantes a abertura para o diálogo sobre diferentes temáticas em sala de aula apresenta-se enquanto uma alternativa possível naquele momento. É uma negociação que acontece em meio à mistura de saberes produzidos e narrados sobre as homossexualidades. Nessa ação o professor tem a grata surpresa de escutar de uma estudante o seu posicionamento no que diz respeito à multiplicidade sexual: “*Eu não vejo problema nenhum em menino gostar de outro menino, o que que tem? Ninguém tem nada a ver com isso!*”. A multiplicidade também se apresenta por meio dos diferentes modos com que os/as estudantes lidam com as sexualidades. Enquanto uns riem, zombam e violentam o outro, existem aquele/ as que compreendem que os sujeitos podem vivenciar muitas identidades e produzir diversas formas de existência.

O professor Hermógenes faz uma observação importante ao destacar a experiência de ter sido chamado de “viado” por um aluno da educação infantil. Ao ser indagado pelo professor e responder “*foi minha mãe que falou*”, a criança passa a ser reprodutora de um discurso sobre a homossexualidade vindo de sua casa. Mas será que esta criança sabe realmente o que está dizendo? Será que ela sabe o que é “viado”? Provavelmente não e o professor Hermógenes tem ciência disso, “*é tudo reprodução*”. Assim, ao dizer que o professor é “viado”, a criança propaga um discurso que é fruto de uma prática material historicamente situada, que produz relações de poder e saberes específicos (SPARGO, 2006). Para Foucault (2012, p. 46) esse “discurso nada mais é do que a reverberação

de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos. [...] O discurso nada mais é do que um jogo”. Um jogo que se institui por meio das relações entre os atores inseridos no discurso, como, por exemplo, na relação existente entre a criança e o professor Hermógenes. Desse modo, o discurso torna-se “ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta” (FOUCAULT, 1988, p. 111-112), que leva o professor a questionar o estudante: “*Eu fui e chamei aquele toquinho de gente e perguntei porque que ele estava falando isso*”. O discurso do estudante “veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita” (FOUCAULT, 1988, p. 112), abrindo espaço para que ele seja debatido e contestado pelo professor Hermógenes.

### **Algumas considerações longe de serem finais...**

A partir das narrativas dos/das professores/as homossexuais é possível pensar na presença da multiplicidade das identidades sexuais dentro da escola, e estabelecer, ao mesmo tempo a articulação dessas identidades com a identidade profissional, ou seja, o “ser professor/a”. Assim, grande parte dos/das professores/as afirmam que não existe uma separação entre as identidades, elas estão juntas e articuladas, apontando para produção de identidades docentes homossexuais, como faz a professora Otacília.

Ser professor homossexual desperta dúvida, desconfiança, curiosidade dentre outros sentimentos. Esses/as professores/as vão corajosamente criando suas próprias existências e se distanciando do padrão heteronormativo de ser. Isso é significativo, pois eles e elas rompem com a heteronormatividade, colocam em suspensão as crenças e as lógicas binárias (homem/mulher, normal/anormal, homossexual/heterossexual, etc.) que estão ao nosso redor nos cerceando da experiencição de diferentes modos de vida. Os/as professores/as homossexuais instigam e provocam os outros e a si mesmos/as a repensarem as práticas sociais que dão sentido e regem a sociedade contemporânea, e que estão pautadas em relações de poder e saber. Mas do que lutar contra as manifestações homofóbicas na escola, esses/as professores/

as tem em suas mãos a possibilidade de transformar esse local em um espaço de problematização dos processos de produção das desigualdades e das diferenças, pondo a norma em questão e destacando a instabilidade, a fluidez e a precariedade de todas as nossas identidades.

Ao longo de suas narrativas os/as professores/as denunciavam que estão imersos em jogos de verdades e subjetividades. Assim, eles e elas vão revelando que estão em um mundo organizado, um mundo que tem os seus saberes sobre as homossexualidades, sobre o que é ser professor/a e sobre a escola. Esses saberes estabelecem a forma como eles e elas lidam consigo mesmos e com os lugares que ocupam. Tal organização expõe uma homossexualidade que é sempre racionalizada, fazendo com que os/as professores/as pensem nas maneiras como eles e elas se comportam e como agem nas salas de aula. Dessa forma, a homossexualidade passa a exigir uma racionalidade de si, um incômodo, um pensar e um inquietar-se consigo mesmo. Assim, os sujeitos se veem vivenciando uma experiência de (des)subjetivação a partir de suas inserções nos jogos de verdade, nas relações de poder e nas formas de relação consigo mesmos e com os outros.

### **Referências**

- BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jul. de 1996.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 103-133.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008b.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008c, p. 41-52.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Organizadora). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 07-34.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.73-102.

SPARGO, Tamsim. **Foucault e a teoria queer**. Tradução: Vladimir Freire. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Organizadora). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 35-82.

## Notas

1 Nomes fictícios retirados do romance *Grande Sertão: Veredas* escrito por João Guimarães Rosa.

Recebido em 24 de abril de 2016.

Aceito em 12 de setembro de 2016.

